

SEÇÃO: VARIA

FILOSOFIA ICONOCLASTA: APROXIMAÇÕES ENTRE A DOCTRINA DOS *IDOLA FORI* DE FRANCIS BACON E A TESE DO ADOECIMENTO DA LINGUAGEM NA CRÍTICA DA RAZÃO IDOLÁTRICA DE RICARDO TIMM DE SOUZA

Iconoclastic philosophy: approximations between Francis Bacon's doctrine of the idola fori and the thesis of the illnesing of language in Ricardo Timm de Souza's Critique of Idolatrous Reason

Rodrigo Pedro Mella Parmeggiani¹

<https://orcid.org/0000-0003-0370-4380>

rodrigo.parme@hotmail.com

Darlan Paulo Lorenzetti²

<https://orcid.org/0000-0003-0155-6214>

darlanlorenzetti@gmail.com

Resumo: O presente artigo propõe uma aproximação entre as ideias do filósofo inglês Francis Bacon e do filósofo brasileiro Ricardo Timm de Souza. Identificamos como principal ponto de convergência entre os dois autores a temática da *idolatria* e suas respectivas implicações na esfera da linguagem. Num primeiro momento expomos a doutrina dos *idola* presente no *Novum Organum* de Francis Bacon. Num segundo momento, apresentamos o conceito de *idolatria* contido no projeto da *Crítica da Razão Idolátrica* de Ricardo Timm de Souza. Ao fim, salvaguardando as diferenças fundamentais entre os dois projetos filosóficos, efetuamos uma aproximação entre a tese do *adoecimento da linguagem* na obra de Timm de Souza e o tratamento dado por Bacon aos *idola fori*. Averiguamos que o principal ponto de convergência entre os autores se manifesta na ideia de que *a linguagem comporta determinados mecanismos idolátricos*. Enquanto para Bacon é o uso inadequado da linguagem a causa geradora de ídolos, para Timm de Souza a causa é de natureza psicossocial.

Palavras-chave: Ídolos. Idolatria. Linguagem. Francis Bacon. Ricardo Timm de Souza.

Abstract: This article proposes a rapprochement between the ideas of the English philosopher Francis Bacon and the Brazilian philosopher Ricardo Timm de Souza. We identify as the main point of convergence between the two authors the theme of *idolatry* and its respective implications in the sphere of language. Firstly, we present the doctrine of the *idola* in Francis Bacon's *Novum Organum*. Secondly, we present the concept of idolatry contained in Ricardo Timm de Souza's *Critique of Idolatrous Reason*. In the end, while safeguarding the fundamental differences between the two philosophical projects, we made an approximation between the thesis of the *illnesing of language* in Timm de Souza's work and Bacon's treatment of the *idola fori*. We found that the main point of convergence between the authors is the idea that *language contains certain*

¹ Mestre e Doutorando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

² Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

idolatrous mechanisms. While for Bacon it is the inappropriate use of language that generates idols, for Timm de Souza the cause is of a psychosocial nature.

Keywords: Idols. Idolatry. Language. Francis Bacon. Ricardo Timm de Souza.

Introdução

O problema da idolatria se encontra tradicionalmente vinculado a disputas no plano religioso. A ideia de ídolos religiosos remonta à de imagens falsas ou equívocas, que assumem o lugar da real entidade divina merecedora das oblações. Na tradição cristã, “[...] o ídolo ou culto dos ídolos encontra-se no sentido oposto ao culto do verdadeiro Deus proclamado pelas escrituras” (TAUCHEN, 2018, p. 9). No plano religioso, portanto, o fenômeno da idolatria decorre da suplantação da *imagem real* por uma *imagem falsa*, cuja consequência fundamental é o desvio da fé do Deus verdadeiro para um deus falso, *i.e.*, um *ídolo*.

Comumente inscrita no plano religioso, a questão da idolatria foi também amplamente trabalhada por teóricos nos planos filosófico e econômico, caracterizando-se como um fenômeno de notável abrangência (TAUCHEN, 2018). A ideia de *ídolo*, compreendida no plano epistemológico como *erro* ou *engano*, alude à tradição platônica, que encontra no *Mito da Caverna* sua mais plena expressão (PLATÃO, *Rep.*, VII, 514a-517c). No mito, as concepções falsas da realidade, denominadas por Platão de *δόξα* (*opinião*), derivam da má atuação dos sentidos do indivíduo em sua relação epistêmica com as sombras projetadas na caverna. O que aprendemos com o mito de Platão é que a *realidade* pode ser confundida pelos contornos ludibriantes das *imagens falsas*.

É certo que o conceito de *ídolo* está relacionado ao conceito de *imagens falsas*, *noções equivocadas*, ou mesmo ao conceito geral de *falsidade*. Isso significa que o conceito de *ídolo* pode ser lido a partir das perspectivas epistêmica e/ou metafísica, de modo que se constitui como um objeto de análise importante para a filosofia.

Neste artigo trabalharemos o conceito de *idolatria* a partir da perspectiva de dois filósofos: o filósofo inglês Francis Bacon e o filósofo brasileiro Ricardo Timm de Souza. Vale ressaltar que os filósofos em questão trabalham em diferentes diapasões, isto é, seus projetos filosóficos detêm objetivos distintos. Contudo, como veremos a seguir, apresentam um ponto de convergência no que diz respeito ao conceito de *idolatria* em seus desdobramentos na esfera da linguagem.

A doutrina dos *ídola* de Francis Bacon

O filósofo inglês Francis Bacon (1561-1626) destacou o importante papel do conhecimento no melhoramento da vida humana através do progresso científico, controle e domínio da natureza. Os escritos de Bacon contribuíram de modo decisivo para o advento de um conjunto de condições que proporcionaram a gênese do movimento científico na Inglaterra do século XVII, bem como a noção do homem culto diante da ciência (ROSSI, 2006). Tais concepções ressoariam nos iluministas até Kant, e de forma mais intensa, no positivismo.

A postura filosófica de Bacon diante do mundo diferia radicalmente da tradição filosófica ocidental. Nas palavras de Rossi, o ideal filosófico que Bacon almejava instaurar se distanciava de “[...] qualquer ideal de tipo ‘mágico’ ou ‘contemplativo’ do saber” (ROSSI, 2006, p. 145). Nesse sentido, Bacon tinha por objetivo estabelecer uma nova *função* para o saber, realizando uma ruptura com a tradição filosófica vigente. Como afirma Peltonen:

Seu plano de reforma científica tem ocupado um lugar central nos relatos históricos do nascimento da nova ciência. Bacon declarou que uma nova era na história da humanidade estava próxima e que, portanto, a filosofia tradicional deveria ser refutada. Ao substituir a ciência contemplativa, interessada em palavras ao invés de obras, por uma ciência ativa ou operativa, a humanidade teria o poder de produzir efeitos e, assim, transformar suas condições (PELTONEN, 1996, p. 2, tradução nossa).³

O empreendimento baconiano era ambicioso. Visava a implementação de uma atitude nova diante da natureza. Tal atitude não era uma “nova filosofia”, isto é, um projeto que aceitasse os mesmos princípios e demonstrações de até então, mas sim, a instauração de novos princípios, demonstrações e argumentações. O que se buscava, em última instância, era uma nova lógica, bem como um novo conceito de verdade e, inclusive, de moralidade (ROSSI, 2006).

Comprometendo-se em reformar a lógica científica a partir do desenvolvimento da teoria da indução, Bacon se propôs a esterilizar o terreno do saber, considerado por ele completamente contaminado pelos erros e vacuidades da tradição filosófica. As críticas de Bacon à essa tradição podem ser resumidas nas palavras de Rossi:

³ No original: “His plan of scientific reform has been given a central place in historical accounts of the birth of the new science. Bacon declared that a new era in the history of humankind was at hand and that therefore traditional philosophy should be refuted. By replacing contemplative science, interested in words rather than works, with an active or operative science, humankind would have power to produce effects and thus to transform its conditions”.

As críticas que Bacon dirige à tradição se definem a partir de três objetivos precisos e as formas de filosofia de que ele fala correspondem historicamente: a) aos exercícios lógicos de tipo escolástico; b) às várias teologias racionais de inspiração aristotélica e aos temas religiosos presentes nas correntes platônicas e platonizantes; c) às metafísicas da natureza elaboradas por alquimistas, magos e filósofos da Renascença (ROSSI, 2006, p. 150).

Tal crítica à tradição filosófica, portanto, tinha como intuito a consecução de uma reforma do saber diante da natureza. A reforma do método indutivo operada por Bacon visava fornecer à atividade procedimental da ciência um *novum organum*, isto é, um *novo instrumento* capaz de proporcionar um domínio sobre a realidade (ROSSI, 2006). Como expõe Rossi (2006, p. 336): “[...] o método silogístico havia parecido a Bacon absolutamente estéril e a ele tinha contraposto a nova lógica da *interpretatio naturae* que se apoiava na nova indução”.

Dada a sua desconfiança com relação às teorias gerais da filosofia e a constatação de que mesmo homens doutos eram capazes de aderir a determinadas ideias ou concepções de forma irrefletida, Bacon introduziu, ainda na obra *Tempus partus masculus*, a noção de *idola* (ROSSI, 2006). Contudo, “[...] é no *Novum Organum* que a sua exposição é mais desenvolvida e sistematizada” (EVA, 2006, p. 79).

Bacon utilizou o termo *ídolo* “[...] no mesmo sentido em que se usa na tradição judaico-cristã”⁴ (MANRIQUE CHARRY, 2010, p. 123, tradução nossa)⁵. Na visão judaico-cristã, um ídolo é um deus falso que desvia e afasta o indivíduo do conhecimento do Deus verdadeiro (MANRIQUE CHARRY, 2010). Para Bacon, um *ídolo* é uma espécie de distrator do intelecto e, como tal, impede que se conheça a realidade tal como ela realmente é. Nas palavras de Manrique Charry:

[...] tanto os sentidos quanto a razão nos enganam ou nos enganaram em um momento ou outro, de modo que, para nos livrarmos de seu engano e fazer uso deles, as seguintes recomendações devem ser levadas em conta: primeiro, a experimentação é o caminho contra o engano dos sentidos. Segundo, o entendimento possui uma lista de “ídeos” que impedem ou dificultam a tarefa

⁴ Essa questão é ponto de disputa e controvérsia. Embora Manrique Charry (2010, p. 123) afirme que o conceito de *ídolo* apresentado por Francis Bacon seja utilizado no mesmo sentido da tradição judaico-cristã, Eva (2006, p. 86) afirma que: “Finalmente, na mesma linha de considerações, mesmo que Bacon oponha os ídolos produzidos pela mente humana às ideias que se encontram exclusivamente no conhecimento divino, cabe lembrar que ele nunca emprega o termo *idolum* no sentido corriqueiro de ‘falsos deuses’, para não mencionar sua insistência em separar os terrenos da ciência natural e o da teologia”. Talvez Bacon tenha se valido do uso *metafórico*, quando associado à tradição judaico-cristã, e do uso *literal*, quando tratado numa perspectiva estritamente epistemológica.

⁵ No original: “[...] en el mismo sentido como se usa en la tradición judeo-cristiana”.

científica. Conhecer esses ídolos pode ser muito útil. (MANRIQUE CHARRY, 2010, p. 123, tradução nossa).⁶

Mesmo superado o obstáculo da falibilidade dos sentidos por meio da experimentação, há ainda certas condições próprias do intelecto que dificultam o procedimento de leitura do livro da natureza de forma plena e segura, elas são: os *ídola*⁷, “[...] os famosos preconceitos e pré-conceitos da mente humana [...]” (KUSUKAWA, 1996, p. 63, tradução nossa)⁸. Através da doutrina dos *ídola*, Bacon buscou denunciar os elementos que estorvam o pensamento quando aplicado à leitura do livro da natureza.

Através da doutrina dos *ídola*, Bacon buscou desvelar as principais causas do erro no que tange ao conhecimento. Caso tais erros fossem evitados, o sucesso do progresso científico, bem como o domínio e manipulação da natureza, estaria garantido. Dessa forma, o progresso poderia conduzir a humanidade a um estágio utópico de poder, aos moldes do que fora concebido em sua *Nova Atlântida*. À humanidade seriam concedidos poderes para operar de forma ativa sobre a natureza, priorizando os métodos concretos e sistemáticos para a execução de experimentos, isto é, na proposta de Bacon “[...] ao invés de contemplação, busca-se a transformação e pretende-se atingir tudo que for possível para responder aos desejos e às necessidades da espécie humana” (OLIVERA; GUIMARÃES, 2016, p. 279). A doutrina dos ídolos engendrada por Bacon, portanto, está contida integralmente da *nova lógica* da ciência. Nas palavras do próprio Bacon:

Os ídolos e noções falsas que ora ocupam o intelecto humano e nele se acham implantados não somente o obstruem a ponto de ser difícil o acesso da verdade, como, mesmo depois de seu pórtico logrado e descerrado, poderão ressurgir como obstáculo à própria instauração das ciências, a não ser que os homens, já precavidos contra eles, se cuidem o mais que possam (BACON, 1973, § XXVIII, p. 26-27).

O *Novum Organum* “[...] oferece uma série de prescrições para refrear nossas disposições naturais e para tratar os ídolos da mente que interferem na aquisição do

⁶ No original: “[...] tanto los sentidos como la razón nos engañan o lo han hecho en alguna oportunidad, de modo que para librarse de su engaño y servirse de ellos hay que tener en cuenta las siguientes recomendaciones: primero, la experimentación es la vía contra el engaño de los sentidos. Segundo, el entendimiento posee una lista de ‘ídolos’ que dificultan o entorpecen la tarea científica. Conocer estos ídolos puede ser de mucha utilidad”.

⁷ Bacon toma os *ídola*, também por *fictions, superstitions, errors, kind of fallacies in the mind of man* (ROSSI, 2006, p. 340, nota de rodapé).

⁸ No original: “The Idols are the famous prejudices and preconceptions of the human mind [...]”.

conhecimento verdadeiro” (BOX, 1996, p. 279, tradução nossa)⁹. Na perspectiva de Bacon, esses ídolos detém um caráter de doença moral e mental, que tende a perverter e infectar as antecipações do intelecto em suas tentativas de leitura do livro da natureza (BOX, 1996). Tais deficiências teriam um aspecto mais moral do que metodológico e impediriam o desenvolvimento e progresso científico (BOX, 1996). Portanto, o projeto do *Novum Organum* e as diretrizes metodológicas ali prescritas “[...] não são apenas regras para orientar a investigação, mas servem igualmente como uma disciplina moral e intelectual, um tipo de ‘higiene mental’ para a mente doente” (BOX, 1996, p. 280, tradução nossa)¹⁰. Com efeito, através da purificação moral e intelectual de tais obstáculos do entendimento humano, a repetição de erros poderia ser dirimida contribuindo para “[...] uma reconstrução radical dos saberes *ab imis fundamentis*” (EVA, 2006, p. 79).

Os gêneros de ídolos que Bacon definiu no *Novum Organum* são de quatro tipos: *idola tribus*, *idola specus*, *idola fori* e *idola theatri* (BACON, 1973, § XXXIX, p. 27). Como descreve Rossi:

No *Novum Organum* e no *De augmentis*, os *idola*, conforme é sabido, estão divididos em quatro grupos: os *idola tribus*, que nascem da natureza geral da mente humana; os *idola specus*, característicos do indivíduo isolado; os *idola fori*, que derivam das relações sociais e da linguagem; os *idola theatri*, que devem ser feitos remontar à influência das opiniões filosóficas e aos procedimentos demonstrativos errados (ROSSI, 2006, p. 341).¹¹

Desses quatro gêneros de ídolos, dois deles são qualificados por Bacon como “inatos”, são eles, os *idola tribus* que se referem às faculdades cognitivas humanas, e os *idola specus*, próprios das diferenças humanas individuais (EVA, 2006). Os outros dois gêneros de ídolos, os *idola fori* e *idola theatri*, são considerados “adventícios”, embora mantenham relações estreitas com os outros dois anteriores. Ao passo que os ídolos adventícios oferecem uma possibilidade de erradicação, “[...] os inatos são descritos como impossíveis de erradicar” (EVA, 2006, p. 82).

⁹ “[...] offers a series of prescriptions for curbing our natural dispositions and for treating those idols of the mind that interfere with the acquisition of true knowledge”.

¹⁰ No original: “[...] are not only rules to guide investigation, but serve equally as a moral and intellectual discipline, a kind of ‘mental hygiene’ for the diseased mind”.

¹¹ Descreve também Kusukawa (1996, p. 63, tradução nossa): “Ídolos da Tribo (de acordo com a natureza do homem em geral), da Caverna (natureza individual de cada homem), do Mercado (ou de natureza comunicativa) e do Teatro (por meio de falsas leis e filosofias) [...]”.

No original: “Idols of the Tribe (according to the nature of man in general), Cave (individual nature of each man), the Market-place (or of communicative nature) and Theatre (through false laws and philosophies) [...]”.

Os *idola tribus* (BACON, 1973, § XLI, p. 27) dizem respeito aos ídolos provenientes da própria constituição humana, da *tribo* humana. Esse tipo de ídolo provém da limitação dos sentidos, do intelecto e da ação dos afetos; de forma que pode restringir a atividade científica já que a imediatez dos sentidos pode não captar entidades muitas vezes invisíveis, tais como, as partículas, a natureza do ar e corpos mais leves que ele (ROSSI, 2006). Quando se experiencia imediatamente pelos sentidos, o intelecto busca fazer com que todas as demais experiências corroborem e concordem com a experiência já experienciada, mesmo que haja casos que a contrariem (ROSSI, 2006). Exemplos disso são a astrologia, os sonhos, os prognósticos e outras formas de superstições que só levam em conta os casos que concordem com uma máxima e desprezam os que a falseiam. É próprio, portanto, aos *idola tribus* fazer com que o intelecto atribua mais ordem e regularidade do que realmente existe na realidade, concebendo o que é mutável como estável, instituindo paralelismos arbitrários, bem como correspondências e relações fantasiosas, residindo aí o vício dos filósofos da tradição (ROSSI, 2006).

Os *idola specus* (BACON, 1973, § XLII, p. 28) dizem respeito aos ídolos da caverna, dos homens enquanto condicionados ao seu meio relacional e social. Para além da constituição da própria natureza humana, há a natureza particular e acidental do indivíduo, tais como, sua constituição física individual, sua educação, seus costumes e circunstâncias contingentes que definem seus mais variados preconceitos e idiossincrasias. Nas palavras de Rossi (2006, p. 347): “Enclausuramo-nos em cavernas corpóreas e tudo é refratado conforme nossa constituição, com as nossas leituras e de acordo com as variações de nosso ânimo”.

Os *idola theatri* (BACON, 1973, § XLIV p. 29) são os ídolos que se instauram no intelecto humano proveniente de doutrinas filosóficas e pelo que Bacon chamou de “[...] regras viciosas da demonstração” (BACON, 1973, § XLIV p. 29). São ídolos do teatro pois as doutrinas filosóficas atacadas por Bacon se assemelham a fábulas e ficções dramáticas. Nesse sentido, a tradição filosófica é por ele considerada como um conjunto de erros que deveriam ser superados pelo novo instrumento do saber.

Desse conjunto de ídolos exposto por Bacon em sua obra, interessará ao presente trabalho os ídolos do foro, denominados *idola fori*, isto é, os ídolos que advém da associação discursiva recíproca dos homens. As palavras quando mal empregadas e mal definidas perturbam o intelecto, arrastando-o a um sem-número de controvérsias inúteis e fantasias

(BACON, 2006, § XLIII). Na terceira seção, será retomada a ideia dos *idola fori*, com o objetivo de articulá-la com a tese do *adoecimento da linguagem* desenvolvida por Ricardo Timm de Souza em sua *Crítica*.

Crítica da razão idolátrica: um diagnóstico crítico da sociedade contemporânea

O trabalho do filósofo brasileiro Ricardo Timm de Souza intitulado *Crítica da Razão Idolátrica* compõe a parte final de uma trilogia constituída pelos livros: *Ética como fundamento II: pequeno tratado de ética radical* e *Ética do escrever: Kafka, Derrida e a crítica da violência*. Por meio de sua *Crítica*, o autor desvela os mecanismos fundamentais de produção idolátrica da sociedade contemporânea, ao mesmo tempo que denuncia os meios de instauração paulatina de resistência à multiplicidade e à Alteridade (TIMM DE SOUZA, 2020). A denúncia realizada pelo filósofo não se esgota em uma *denúncia passiva*, mas em uma *denúncia crítico-ativa* que pretende apresentar os mecanismos da razão idolátrica e proporcionar ferramentas filosóficas de reflexão.

O conceito de *idolatria* trabalhado por Timm de Souza deriva da definição oferecida por Flusser (1985, p. 5) em sua obra *Filosofia da caixa preta: "Idolatria: incapacidade de decifrar os significados da ideia, não obstante a capacidade de lê-la, portanto, adoração da imagem"*. A vida vivida magicamente se estabelece quando ocorre uma inversão das funções das imagens na relação homem-mundo. A função da imagem deve ser o de representação do mundo como algo análogo a um mapa. As imagens, portanto, buscam ser *mapas do mundo*. Contudo, na inversão operada na mente idolátrica, as imagens passam a se constituir como *biombos*. Assim, ao invés do indivíduo se servir das imagens em função da representação *do real*, passa a viver em função *da imagem*. Desse modo, esse *indivíduo-adorador* não tem mais a capacidade de decifrar as imagens como significados do mundo, ao contrário, o próprio mundo passa a ser entendido como imagem, isto é, vivenciado como um conjunto de cenas. É por isso que a realidade passa, agora, a ser um reflexo de imagens, isto é, opera-se uma *magicização da vida* (FLUSSER, 1985). A idolatria é, portanto, essa *inversão da função das imagens*. Com efeito, no movimento cognoscitivo operado pelo indivíduo em direção ao mundo, irrompe uma inversão, na qual a realidade passa a refletir imagens. A inversão dessa função magiciza o mundo, que passa a ser compreendido como um conjunto de cenas. Não há mais função *imaginística*, mas sim, *magicizadora* (FLUSSER, 1985). A imagem perde seu status de mediadora com função de interposto entre mundo e homem, se tornando o

próprio mundo. Em suma: o indivíduo não se serve mais das *imagens em função do mundo*, mas sim o contrário, passa a viver o *mundo em função das imagens*. Nas palavras de Timm de Souza:

O homem, ao invés de se servir da inteligência em função do mundo, passa a viver em função de pretensas imagens que uma inteligência misteriosa e mágica - a da sociedade administrada, da indústria cultural, de seus superabundantes marionetes e de seus pululantes factoides - gera e revigora constantemente, transformando autonomia em maquinismo, tentando realizar a utopia de que nenhuma utopia tenha ainda espaço no mundo habitado por cérebros opacos (TIMM DE SOUZA, 2020, p. 12).

A sociedade operada por mecanismos idolátricos transforma maquinalmente qualidades em quantidades e singularidades em generalidades, ou seja, a Alteridade é concebida como ameaça e tornada inimiga através do processo de massificação e homogeneização. Devido a isso é que o projeto da *Crítica da Razão Idolátrica* pretende “[...] decifrar as artimanhas intelectuais que se ocultam na *ob-scena*; há que perceber que estilo de racionalidade sustenta essa miragem tão sólida da contemporaneidade” (TIMM DE SOUZA, 2020, p. 13). Para Timm de Souza, o que subjaz na *ob-scena* é um peculiar mecanismo de produção de racionalidades idolátricas. É a articulação entre o conceito de *razão ardilosa* (a esperteza programática) e de *razão vulgar* (a obtusidade corrente) que determina a característica própria da chamada *razão idolátrica*.

Os conceitos de *razão vulgar* e de *razão ardilosa*, presentes na obra *Crítica da Razão idolátrica*, derivam de um trabalho anterior de Timm de Souza intitulado *O nervo exposto: por uma crítica da razão ardilosa desde a racionalidade ética*. Nesse trabalho, a *razão vulgar* é definida como segue:

A razão vulgar é, literalmente, a razão indiferente de cada dia, na qual todas as violências se combinam com a anestesia advinda da massa obtusa de acontecimentos que se precipitam, dando à *homogeneização violenta do real a aparência* de variedade infinita dos significantes. [...] É a *razão idiota* em sentido etimológico; incapaz ao menos de criar um mundo paralelo para nele se refugiar de seus pavores, preenche o mundo no qual se dá pela obliteração de tudo o que poderia conduzir à hesitação, à diferença, à multiplicidade das origens e dos destinos, fechando-se em si. É a razão pequeno-burguesa por excelência; tem pudores de pensar além de seu lugar, pois aprendeu muito cedo que *pensar é perigoso*. [...] Razão servil, a razão vulgar é o campo de concentração do pensamento, onde são agrupados os estímulos incapazes de sobreviver à dinâmica feroz da dialética dos interesses; seu único argumento é não ter argumento nenhum e disso se orgulhar. Será racista, se a maioria o for; apoiará o populismo punitivo, pois penderá sempre à obriedade; correrá a linchar alguém, se essa for a vontade da *massa*; clamará por pena de morte, pois em nenhuma hipótese pretende compreender o que está para além do mais raso dos discursos que se

adereça com o lustro de argumentos capciosos que não resistiriam a um grão de crítica, se ela ainda existisse no campo das possibilidades da vulgaridade. Pois a razão vulgar é a expressão do humano feito massa, *de-generado*, qual lava indiferenciada, que se amolda sem excessiva dificuldade ao formato daquilo que a possa conter e suportar e que logo se empedra em sua própria intransparência (TIMM DE SOUZA, 2016, p. 55-57, grifos do autor).

A *razão vulgar*, essa razão homogeneizadora do real, indiferente, fechada em sua própria idiotia, servil e massificada, comporta em si mesma o seu contraponto, sua outra face, a *razão ardilosa*: “[...] não existe razão vulgar sem uma razão mais sofisticada, porém menos facilmente perceptível, que a sustente [...]” (TIMM DE SOUZA, 2016, p. 58). Os objetivos da *razão ardilosa* são bem claros, mas suas razões reais são escamoteadas. Com efeito, a *realidade* é escamoteada (TIMM DE SOUZA, 2016, grifo nosso). Timm de Souza assim define a *razão ardilosa*:

A razão ardilosa cerca-se a priori de cuidados e credibilidades; procura, antes de mais nada, não chocar, pois qualquer choque é perigoso. Imbuída da difícil tarefa de sustentar a violência e vulgaridade do mundo, essa massa volátil e espasmódica, ao estilo um exoesqueleto altamente cerebral, é e tem de se mostrar inteligente; o meio tom intelectual é seu registro, pois não pode mostrar a que veio, mas apenas o que transparece em sua retórica de intenções. Sua violência é adocicada; justifica o injustificável, legitima o ilegítimo a partir da seiva argumentativa que destila desde a profundidade de seus interesses estratégicos; ao organizar os meios disponíveis com relação à meta de atingir determinados fins, exerce de modo extremamente organizado a violência instrumental, pois enuncia álibi para dispensar a moral em nome da técnica (TIMM DE SOUZA, 2016, p. 58-59).

Do encontro da *razão vulgar*, caracterizada pela sua obtusidade e servidão, e da *razão ardilosa*, caracterizada pela sua expertise, sutileza, perspicácia e astúcia na procura de seus interesses, resulta a *razão idolátrica*. É a partir dessa dinâmica relacional entre *razão vulgar* e *razão ardilosa* que os ídolos são gestados. Com efeito, a *razão idolátrica* se manifesta somente se há uma articulação entre *razão vulgar* e *razão ardilosa*. A idolatria, portanto, é “[...] a resposta massificada à articulação perfeita entre a *razão vulgar* e a *razão ardilosa* (TIMM DE SOUZA, 2020, p. 14, grifo do autor). Ela se configura como uma “[...] usurpação do real por um reflexo projetado que ocupa seu lugar” (TIMM DE SOUZA, 2020, p. 285).

A partir das noções de *idolatria* e de *racionalidade idolátrica* é que podemos compreender o fenômeno do *adoecimento da linguagem*, apresentado no capítulo II da *Crítica da Razão Idolátrica*.

Os *idola fori* e o adoecimento da linguagem

Como fora apresentado anteriormente, a doutrina dos *idola* de Francis Bacon visa denunciar as imagens falsas que permeiam o intelecto na relação epistêmica estabelecida entre o indivíduo e a natureza. O projeto de Francis Bacon busca no conhecimento científico uma fonte de dominação e de controle sobre a realidade. Por outro lado, a obra de Timm de Souza se constitui como um *diagnóstico crítico* da razão idolátrica, cuja sede por Totalidade, aversão à diferença e desprezo pelo Outro, caracterizam seu *modus operandi*. Para Timm de Souza, a idolatria consiste em uma doença que usurpa o real através do ato de projeção de poder que integra a “lógica endógena da Totalidade” (TIMM DE SOUZA, 2020, p. 285).

Salvaguardada a diferença entre os dois projetos e seus distintos objetivos, buscaremos articular uma aproximação entre a doutrina dos *idola fori*, apresentada no *Novum Organum* de Francis Bacon, e a tese do *adoecimento da linguagem*, exposta no capítulo II da *Crítica* de Ricardo Timm de Souza. Veremos que o principal ponto de convergência entre os autores se manifesta na ideia de que *a linguagem comporta determinados mecanismos idolátricos*.

Os *idola fori* são os ídolos oriundos “[...] do intercurso e da associação recíproca dos indivíduos do gênero humano entre si [...]” (BACON, 1973, § XLIII, p. 28). São chamados ídolos do foro¹² por conta do comércio e consórcio entre os homens (BACON, 1973). Os ídolos do foro são as “[...] confusões e erros gerados pelo uso inadequado de palavras mal definidas [...]” (FATTORI, 2021, p. 226, tradução nossa)¹³. São os ídolos provenientes da imposição imprópria e inepta das palavras. As palavras têm o poder de forçar o intelecto e perturbá-lo, de modo que os indivíduos tendem a ser arrastados a “[...] inúmeras e inúteis controvérsias e fantasias” (BACON, 1973, § XLIII, p. 28). Os ídolos do foro advêm do uso dúbio e ambíguo da linguagem natural. Como as palavras surgem desse uso comum, elas “[...] transferem as suas ambiguidades para dentro da ciência” (KLEIN, 2019, p. 291). Segundo Fattori: “Bacon considerou os *idola fori* (‘ídolos do mercado’) como os ‘mais prejudiciais’ (*perniciosissima*) nesse aspecto, devido à sua conexão especial com a linguagem” (FATTORI, 2021, p. 225, tradução nossa)¹⁴.

¹² Também chamados de *ídolos do mercado*.

¹³ No original: “[...] confusion and errors bred by the improper use of ill-defined words [...]”.

¹⁴ No original: “Bacon deemed the *idola fori* (‘idols of the marketplace’) to be the ‘most damaging’ (*perniciosissima*) in this regard, because of their special connection with language”.

Bacon apresenta dois gêneros de *idola fori* que se impõem ao intelecto por meio de palavras: (i) nomes de coisas *que não existem* (teorias fantásticas, noções como *fortuna*, *primeiro motor*, etc.); (ii) nomes de coisas *que existem*, porém, geralmente confusos e mal definidos devido a uma abstração desajeitada, apressada e parcial (ROSSI, 2006). Nas palavras de Manrique Charry:

O significado das palavras é determinado pela mentalidade vulgar, de modo que um espírito científico que deseja conhecer o mundo - no sentido forte de “conhecer” - pode ser enganado pelas palavras, enquanto o vulgar dá nomes a coisas que não existem (por exemplo, fortuna, primeiro motivo etc.) ou dá nomes ou definições a coisas que ele concebe apenas de forma confusa ou incompleta, usando apenas abstrações desajeitadas e viciosas (por exemplo, por exemplo, *O úmido*, que é concebido como “aquilo que se espalha facilmente em torno de outro corpo”, é uma definição que permitiria dizer que o fogo é úmido). Bacon acredita que as palavras podem enganar uma investigação a ponto de gerar disputas intermináveis, que consistem apenas em palavras [...] (MANRIQUE CHARRY, 2010, p. 124-125, tradução nossa).¹⁵

Timm de Souza, no capítulo II de sua *Crítica da Razão Idolátrica*, intitulado *Adoecimento da linguagem: fórmulas da idiotia*, concebe o fenômeno do *atrofiamento da linguagem* como resultado da razão idolátrica infiltrada na esfera linguística. Nesse capítulo, Timm de Souza identifica uma correlação entre a atrofia da linguagem e a instalação de um crescente potencial idolátrico, de modo que a força vital nomeadora da realidade (a linguagem) se *estreita*, *petrificadora* e *adoece* (TIMM DE SOUZA, 2020). A *idiotia* é o conceito grego que expressa a ideia de *fechamento*. A linguagem idiótica, isto é, a linguagem fechada em si mesma, é a característica fundamental do fenômeno da idolatria em seus contornos linguísticos, cujo reflexo pode ser observado no depoimento de Eichmann (ARENDR, 1999) e na linguagem controlada e censurada pelo regime nazista do Terceiro Reich (KEMPLERER, 2009).

O caso de Eichmann é trazido por Timm de Souza em vista de apresentar uma “[...] postulação de linguagem em termos *verticais*, não significativa à comunicação, mas à denominação ao molde de *etiquetagens* [...]” (TIMM DE SOUZA, 2020, p. 33). Essa forma de

¹⁵ No original: “El sentido de las palabras está determinado por la mentalidad vulgar, de modo que un espíritu científico que quiera conocer el mundo —en el sentido fuerte de ‘conocer’— puede ser desviado por las palabras, en tanto que el vulgo le da nombres a cosas que no existen (p.e. fortuna, primer móvil, etcétera) o pone nombres o definiciones a cosas que concibe sólo de forma confusa o incompleta, usando sólo abstracciones torpes y viciosas (p.e. *Lo húmedo*, que se concibe como ‘lo que se extiende fácilmente alrededor de otro cuerpo’, es una definición que permitiría decir que el fuego es húmedo). Bacon cree que las palabras pueden desorientar una investigación hasta el punto de generar disputas interminables, las cuales consisten sólo en palabras”.

linguagem manifesta explicitamente seu próprio *estreitamento*, que se caracteriza por uma redução da realidade à vivência mágica, tornando a linguagem prisioneira de si mesma numa restrição semântica e significativa de natureza vulgar e tosca (TIMM DE SOUZA, 2020). O *clichê* é o ponto culminante de uma linguagem idolátrica, que expressa uma incapacidade de conceber perspectivas distintas das que detém. Nesse ponto “[...] todo sentido se esgota no estático” (TIMM DE SOUZA, 2020, p. 36), de modo que as ideias do indivíduo são aprisionadas em certas “[...] fórmulas derivadas da semântica mais rasa – ou mais obliterada, no sentido etimológico da palavra idiota – da língua como expressão de linguagem, que culmina na expressão clichê” (TIMM DE SOUZA, 2020, p. 36). A consequência desse atrofiamento linguístico é o *empedramento da linguagem* (TIMM DE SOUZA, 2020), cujas fórmulas pobres de semântica e os clichês passam a ser repetidos teimosamente à exaustão. Pretendendo se inserir na realidade, tal mecanismo acaba por distorcê-la por completo.

A noção de *fórmulas derivadas da semântica mais rasa* que culmina no clichê, apresentada por Timm de Souza, encontra um ponto de convergência com a perspectiva baconiana dos *idola fori*. Para Bacon, a linguagem ordinária pode gerar noções falsas ou *ídolos*, na medida em que deriva da má abstração e definição de palavras. Nesse sentido, a incapacidade de alargamento semântico no *estreitamento da linguagem* apresentado por Timm de Souza encontra ressonância na ideia de *idola fori*, na medida em que são identificados mecanismos de idolatria intrínsecos à própria linguagem idiótica, que passa a representar o falso no lugar do verdadeiro.

O traço fundamental de distinção das ideias de Bacon e Timm de Souza a respeito da linguagem idolátrica pode ser determinado do seguinte modo: para Bacon, ela se reduz a uma condição intrínseca às palavras e à sua gênese vulgar, enquanto para o filósofo brasileiro, o componente fundamental do *estreitamento linguístico* e *empedramento do discurso* é de natureza psicológica, profundamente enraizado na sociedade. Timm de Souza qualifica esse componente psicológico como *delírio paranoico lato sensu* (TIMM DE SOUZA, 2020, p. 38), isto é, uma atmosfera psíquica que permeia a sociedade, proveniente da realidade postíça do discurso empedrado autorreferente. É precisamente esse elemento que Timm de Souza identifica como causa resultante das idolatrias, e conseqüentemente do adoecimento da linguagem. Nas palavras do autor:

Essas são condições prévias de ativação de elementos inconscientes e subconscientes (e aqui destacamos o embrutecimento da linguagem, ou sua crescente ausência daquilo que, socialmente, se apresenta como sendo ela) que irão permitir a idolatrização de alguma figura que pretende se constituir, ou encarnar, a totalidade de sentido (TIMM DE SOUZA, 2020, p. 49).

Embora se aproxime de Bacon quando identifica mecanismos de idolatria intrínsecos à própria linguagem idiótica, Timm de Souza não concebe o mero uso inapropriado da linguagem como *causa* de sua condição idolátrica. O filósofo identifica a *esfera psicossocial* como *conditio sine qua non* para a constituição de uma forma ou modo linguístico, nesse caso a linguagem idolátrica. Com efeito, enquanto para Bacon os ídolos da linguagem são resultados do mero uso inadequado da linguagem ordinária, para Timm de Souza, a linguagem idolátrica é a resultante de um componente psicológico profundamente enraizado na sociedade, isto é, *o adoecimento da linguagem só se torna possível em uma sociedade doente*.

Considerações finais

A partir do que foi exposto, podemos constatar um ponto de convergência entre a doutrina dos ídolos de Francis Bacon e o conceito de idolatria desenvolvido por Ricardo Timm de Souza, mais especificamente entre o conceito de *idola fori* e a tese do *adoecimento da linguagem*.

Como constatamos, apesar das similitudes, os autores sustentam projetos filosóficos distintos. Enquanto Francis Bacon busca denunciar os ídolos da razão com o objetivo de estabelecer as bases para um saber dominador e totalizante, Timm de Souza propõe uma crítica direcionada à razão idolátrica, em vista de denunciar um modo próprio de funcionamento da sociedade contemporânea.

Os desdobramentos da filosofia da linguagem de ambos os autores apresentam um ponto de confluência: *a ideia de que a linguagem comporta determinados mecanismos idolátricos*. Contudo, diferentemente de Bacon, Timm de Souza considera o aspecto psicossocial a causa fundamental que explica a constituição dos mecanismos idolátricos intrínsecos à linguagem idiótica. *O estreitamento do discurso e o atrofiamento da linguagem* se dão exclusivamente pelas condições sociais impostas, isto é, uma sociedade doente adoece a linguagem. Uma sociedade atrofiada e empedrada em si mesma, empedra e atrofia o discurso.

Referências

ARENDDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. Trad: José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BACON, Francis. *Novum Organum*. Tradução e notas de José Aluysio Reis de Andrade. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

BOX, Ian. Bacon's moral philosophy. In: PELTONEN, Markku (Org). *The Cambridge Companion to Bacon*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996, p. 260-282.

EVA, Luiz. Sobre as afinidades entre a filosofia de Francis Bacon e o ceticismo. *Kriterion*, Belo Horizonte, n. 113, p. 73-97, Jun/2006.

FATTORI, Marta. Idola fori and language: Francis Bacon as a source for Giambattista Vico, *Intellectual History Review*, v. 3, n. 12, p. 225-245, 2021.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta: Ensaio para uma futura filosofia da fotografia*. São Paulo: Editora Hucitec, 1985.

KLEMPERER, Victor. *LTI: a linguagem do Terceiro Reich*. Tradução, apresentação e notas Miriam Bettina Paulina Oelsner. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

KLEIN, Joel Thiago. Ciência e método em Bacon e Kant. *Dissertatio*, v. 49, p. 287-311, 2019.

KUSUKAWA, Sachiko. Bacon's classification of knowledge. In: PELTONEN, Markku (Org). *The Cambridge Companion to Bacon*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996, p. 47-74.

MANRIQUE CHARRY, Juan Francisco. La herencia de Bacon em la doctrina spinocista del lenguaje. *Universitas philosophica*, v. 27, n. 54, p. 121-130, jun 2010.

OLIVERIA, Jelson Roberto de; GUIMARÃES, Paulo Sérgio. A dimensão utópica da técnica moderna: a crítica de Hans Jonas ao programa baconiano e à teoria marxista. *Problemata: R. Intern. Fil.* v. 7, n. 1, p. 273-294, 2016. ISSN 2236-8612.

PELTONEN, Markku. Introduction. In: PELTONEN, Markku (Org). *The Cambridge Companion to Bacon*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996, p. 1-24.

PLATÃO. *A República*. Trad. de Anna Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ROSSI, Paolo. *Francis Bacon: da magia à ciência*. Tradução Aurora Fornoni Bernardi. Londrina: Eduel, Curitiba: Editora da UFPR, 2006.

TAUCHEN, Jair. *Por uma crítica filosófica da idolatria em articulação com a teologia e a economia: um diálogo interdisciplinar*, 2018, Tese (Doutorado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, p. 119, 2018.

TIMM DE SOUZA, Ricardo. *Crítica da razão idolátrica: tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência*. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020.

_____. O nervo exposto: por uma crítica da razão ardilosa desde a racionalidade ética. *Justiça & Sociedade: Revista do Curso de Direito do Centro Universitário Metodista – IPA*. v. 1, n. 1, p. 53-66, 2016.

Recebido em: 24/11/2023.

Aprovado em: 23/05/2024.

Publicado em: 30/07/2024.